

CRER PARA COMPREENDER

A Escritura como fonte primária da teologia

Teologia Sistemática · Capítulo 5 · Parte 1: Prolegômenos

D. G. DE SOUZA

TS-S01-005

5.1

O que Quer Dizer "Somente a Escritura"?

No capítulo anterior vimos que a cultura fornece a língua, as perguntas e as formas da teologia, mas não decide o conteúdo da fé. De onde vem, então, esse conteúdo? E quando a Bíblia, a tradição da Igreja, a razão e a experiência parecem dizer coisas diferentes, quem tem a última palavra?

Fonte e Norma

Toda teologia trabalha com fontes, e o capítulo 1 já apresentou as quatro de que os cristãos costumam falar: a Escritura, a tradição, a razão e a experiência. Chamar a Escritura de fonte primária é afirmar duas coisas. A primeira é que dela vem o conteúdo próprio da fé cristã, aquilo que não descobrimos olhando para a natureza nem raciocinando sozinhos, mas recebemos porque Deus o disse. Que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo, que o Filho se fez carne, que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou ao terceiro dia: nada disso sabemos por dedução. Sabemos porque foi revelado, e a revelação chegou até nós escrita.

A segunda é que a Escritura julga todas as outras fontes, e nenhuma delas a julga. Os teólogos luteranos do século 17 deram a isso um nome que ainda é útil. Chamaram a Escritura de *norma normans non normata*, a "norma que regula e não é regulada", e chamaram os credos e as confissões de *norma normata*, a "norma regulada". Um credo tem autoridade na igreja, mas uma

autoridade emprestada, que ele recebe na medida em que concorda com a Bíblia. A Bíblia não toma emprestada a sua autoridade de ninguém.

O Princípio Formal da Reforma

Os reformadores resumiram isso na expressão latina *sola Scriptura*, "somente a Escritura". Mais tarde os historiadores chamaram esse princípio de princípio formal da Reforma, porque diz de onde a doutrina recebe a sua autoridade, e chamaram a justificação somente pela fé de princípio material, porque é o conteúdo central que a Reforma recuperou. Os dois andam juntos. Lutero só pôde sustentar a justificação pela fé contra o papa e os concílios porque estava convencido de que a Escritura estava acima de ambos.

O momento mais conhecido dessa convicção foi a Dieta de Worms, em abril de 1521. Intimado diante do imperador a retratar os seus livros, Lutero respondeu que não o faria, a menos que fosse convencido pelo testemunho das Escrituras ou por razão evidente, porque não confiava nem no papa nem nos concílios, que muitas vezes erraram e se contradisseram. A sua consciência, disse ele, estava presa à Palavra de Deus (veja Dieta de Worms: Lutero diante do imperador em 1521). Paul Enns observa que, para Lutero, a Bíblia era a única autoridade infalível em matéria de fé e de salvação, e que foi por isso que ele recusou a autoridade do papa, dos concílios e das indulgências (*The Moody Handbook of Theology*, cap. 30).



Lutero diante do imperador Carlos V na Dieta de Worms, em abril de 1521. Ele se recusou a voltar atrás, a menos que fosse convencido pelas Escrituras ou por razão evidente.

Anton von Werner, *Lutero na Dieta de Worms*, 1877, Staatsgalerie Stuttgart (domínio público)

O que Sola Scriptura Não Quer Dizer

A expressão é curta e, por isso mesmo, muitas vezes mal entendida. Convém dizer logo o que ela não quer dizer.

Que a Bíblia Seja o Único Livro

Os reformadores liam os Pais da Igreja, os comentaristas medievais, os filósofos antigos e as gramáticas do hebraico e do grego. Calvino cita Agostinho em quase todas as páginas das *Institutas*. *Sola Scriptura* nunca quis dizer que a Bíblia é a única coisa que o cristão lê, e sim que ela é a única regra infalível pela qual tudo o que ele lê é medido.

Que Cada um Leia Sozinho

Também não quer dizer que cada crente, com a sua Bíblia aberta, pode ignorar o que a Igreja de todos os tempos aprendeu e decidir sozinho o que o texto significa. Alguns autores chamam essa atitude de *solo Scriptura*, para distingui-la

do *sola Scriptura* dos reformadores. Os reformadores conservaram o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e a definição de Calcedônia, e escreveram confissões de fé justamente para que as igrejas lessem a Bíblia juntas. O site já tratou disso em Bíblia e tradição: ninguém lê a Escritura no vácuo.

Que a Bíblia Responda a Tudo

Por fim, não quer dizer que a Bíblia seja um manual de todas as coisas, de astronomia a economia. A Escritura é suficiente para aquilo a que se destina. A *Confissão de Westminster* (1647) fala de "todas as coisas necessárias para a glória de Deus, a salvação do homem, a fé e a vida" (I.6), e Armínio fala do que a Igreja precisa conhecer, crer, fazer e esperar para a salvação. Sobre muitas outras coisas a Bíblia nada diz, e não precisamos fingir que diz. A suficiência e a clareza da Escritura terão a sua vez no capítulo 10.

5.2

A Escritura Afirma a Sua Própria Autoridade

Alguém pode objetar que é circular provar a autoridade da Bíblia pela própria Bíblia. Mas toda autoridade última se apresenta por si mesma, porque não há nada acima dela a que possa apelar. Se a autoridade da Escritura dependesse de uma prova externa, essa prova é que seria a autoridade final. O que podemos fazer é ouvir como Jesus e os apóstolos trataram as Escrituras, e perguntar se nós temos o direito de tratá-las de outro modo.

Jesus e as Escrituras

Quando foi tentado no deserto, Jesus respondeu três vezes da mesma maneira: "Está escrito: Não só de pão viverá o ser humano, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mateus 4:4). A palavra grega *gegraptai*, "está escrito", era usada para um documento legal que continua em vigor. A questão estava encerrada porque Deus já havia falado. Aos saduceus, que negavam a ressurreição, Jesus disse: "Errais, por não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus" (Mateus 22:29). Numa discussão com os judeus, ele lembrou de passagem que "a Escritura não pode ser quebrada" (João 10:35). E no caminho de Emaús, "começando de Moisés, e por todos os profetas, lhes declarava em todas as Escrituras o que estava escrito sobre ele" (Lucas 24:27).

O mesmo Jesus que se submetia à Escritura confrontou a tradição que se punha ao lado dela. Os fariseus tinham uma tradição oral, que diziam ter recebido dos

antigos, e com ela acabavam anulando os mandamentos. Jesus lhes disse: "Vós deixais o mandamento de Deus, e mantendes a tradição humana. E dizia-lhes: Vós dispensais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição" (Marcos 7:8-9). O exemplo que ele deu era concreto: com a desculpa de que os bens estavam consagrados a Deus como oferta, um filho podia deixar de sustentar os pais (Marcos 7:10-12). A tradição dos fariseus era antiga, respeitada e piedosa na aparência, e mesmo assim foi julgada pela Escritura.

O Fundamento dos Apóstolos e Profetas

Os apóstolos tinham consciência de que falavam da parte de Deus. Paulo agradeceu aos tessalonicenses porque receberam a sua pregação "não como palavra de homens, mas (conforme em verdade é) como a palavra de Deus" (1 Tessalonicenses 2:13). E a Igreja, diz ele, está edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual Cristo Jesus é a pedra principal da esquina" (Efésios 2:20). Um fundamento se lança uma vez. Os apóstolos e profetas não têm sucessores no seu ofício de fundamento, e o que temos deles hoje está nos escritos que deixaram.

Por isso a fé cristã tem um conteúdo fechado. Judas exorta os crentes "a batalhar pela fé que de uma vez foi entregue aos santos" (Judas 1:3). E Paulo é tão firme nisso que se inclui na advertência: "Porém, ainda que nós mesmos, ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos anunciamos, maldito seja" (Gálatas 1:8). Nem o apóstolo, nem um anjo, nem uma experiência extraordinária pode mudar o evangelho que já foi anunciado.

Nem mesmo a pregação dos apóstolos ficou isenta de exame. Os judeus de Bereia "foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque os quais receberam a palavra com toda boa vontade, examinando a cada dia as escrituras, para ver se estas coisas eram assim" (Atos 17:11). Lucas os elogia porque conferiram com a Escritura o que o próprio Paulo ensinava.

A Palavra Mais Firme

O texto mais claro sobre a relação entre a Escritura e a experiência está na segunda carta de Pedro. O apóstolo lembra que esteve com Jesus no monte da transfiguração e ouviu a voz do Pai: "E nós ouvimos esta voz enviada do Céu, estando nós com ele no santo monte" (2 Pedro 1:18). Poucas pessoas na história tiveram uma experiência religiosa como essa. E logo em seguida ele escreve:



E temos a muito confiável palavra dos profetas; a qual vós fazeis bem ao prestardes atenção, como a uma luz que ilumina em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da manhã se levante em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação particular. Porque a profecia jamais foi produzida pela vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus conduzidos pelo Espírito Santo.

2 PEDRO 1:19-21

A expressão grega traduzida por "muito confiável" é *bebaioteron*, literalmente "mais firme". Os intérpretes discutem se Pedro quer dizer que a palavra dos profetas é mais firme do que a experiência do monte, ou que a experiência do monte a tornou ainda mais firme. Nos dois casos, a experiência do apóstolo confirma a Escritura e não a substitui. Se a experiência de Pedro no monte não tomou o lugar da Escritura, a nossa também não pode tomar.



Cristo transfigurado entre Moisés e Elias, com Pedro, Tiago e João caídos no monte. Pedro ouviu ali a voz do Pai e, mesmo assim, chamou a palavra dos profetas de "mais firme".

Rafael, *A Transfiguração* (detalhe), 1516–1520, Pinacoteca Vaticana, Cidade do Vaticano (domínio público)

Nada Acrescentar

Desde Moisés, o povo de Deus foi proibido de mexer na palavra recebida: "Não acrescentareis à palavra que eu vos mando, nem diminuireis dela" (Deuteronômio 4:2). Os Provérbios repetem a advertência: "Toda palavra de Deus é pura; é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que ele não te repreenda, e sejas mostrado como mentiroso" (Provérbios 30:5-6). Isaías, num tempo em que o povo consultava médiuns e adivinhos, deu o critério: "À Lei e ao testemunho! Se não falarem segundo esta palavra, não haverá amanhecer para eles" (Isaías 8:20). E Paulo pediu aos coríntios que aprendessem "a não fazer suposições além do que está escrito" (1 Coríntios 4:6).

Uma Objeção: "Retende as Tradições"

Os teólogos católicos costumam lembrar que o próprio Paulo mandou guardar tradições: "Portanto, irmãos, ficai firmes, e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por carta nossa" (2 Tessalonicenses 2:15). Isso não mostra que há uma tradição oral ao lado da Escritura, com a mesma autoridade?

A objeção merece uma resposta cuidadosa. A palavra grega traduzida por "tradição" é *paradosis*, aquilo que é entregue de um para outro, e o Novo Testamento a usa em bom sentido para o ensino apostólico. Paulo escreve: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi, que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3). Os protestantes não negam que houve uma tradição apostólica oral. Enquanto os apóstolos viviam, os tessalonicenses podiam ouvir Paulo pessoalmente ou ler as suas cartas, e as duas coisas tinham a mesma autoridade, porque vinham do mesmo apóstolo.

A pergunta é outra: como temos acesso hoje a essa tradição apostólica? O que Paulo entregou de viva voz é o mesmo evangelho que ele deixou por escrito, e não um segundo conjunto de doutrinas. Lucas explica que escreveu o seu evangelho justamente para que Teófilo conhecesse "a certeza das coisas de que foste ensinado" (Lucas 1:4). A palavra escrita fixou o ensino oral para que ele não se perdesse. Já as doutrinas que mais tarde foram apresentadas como tradição apostólica não escrita, como a assunção corporal de Maria, definida como dogma em 1950, não podem ser rastreadas até os apóstolos. Ninguém consegue mostrar que Paulo as ensinou de viva voz em Tessalônica. Quando a tradição deixa de ser o eco da Escritura e passa a acrescentar a ela, o que temos é aquilo que Jesus chamou de "tradição humana".

crer *para* compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO TS-S01-005

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *A Escritura como fonte primária da teologia*. O fascículo inteiro tem 35 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender